

A CRÍTICA FEMINISTA À TEOLOGIA CRISTÃ: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA TEOLOGIA FEMINISTA

TIAGO DIAS DE SOUZA¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, fazer uma avaliação referente a alguns aspectos críticos do feminismo à teologia cristã. A pesquisa apresenta como pano de fundo histórico o início do movimento feminista, passando por suas três etapas: primeira, segunda e terceira ondas do feminismo. Em cada uma das etapas são apresentadas suas principais proposições e toda a sua influência na articulação da teologia feminista. Por meio desta pesquisa, é possível chegar à conclusão de que a crítica feita pelo movimento feminista à teologia cristã é uma crítica que contradiz o próprio *modus operandi* do movimento em si.

Palavras-chave: Feminismo. Catolicismo. Protestantismo.

FEMINIST CRITICISM OF CHRISTIAN THEOLOGY: A CRITICAL ANALYSIS OF THE FEMINIST THEOLOGY

Abstract: The purpose of this article is, through a bibliographic research, to make an assessment regarding some critical aspects of feminism to Christian theology. The research presents as a historical background the beginning of the feminist movement, going through its three stages: first, second and third wave of feminism. In each stage its main propositions and its influence on the articulation of feminist theology are presented. Through this research, it is possible to conclude that the criticism made by the feminist movement to Christian theology is a criticism that contradicts the movement's own *modus operandi*.

Keywords: Feminism. Catholicism. Protestantism.

¹ Doutor em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). Contato: pr.tiagodias@hotmail.com.

1. Introdução

Por mais que “ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas” (PINTO, 2010, p.15), foi a partir da Revolução Francesa que as mulheres tiveram uma participação mais intensa na luta pela modificação de sua condição, como também de sua família (SCHMIDT, 2012, p. 12).

De acordo com Oliveira e Cassab (2014, p. 12), os primeiros indícios do movimento feminista ocorreram durante a Revolução Francesa, através da publicação do livro *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), de Mary Wollstonecraft. O livro tinha como objetivo, não apenas reivindicar, mas também legitimar e ampliar os direitos políticos, educacionais, maternais e trabalhistas para as mulheres e tantos outros direitos que estivessem relacionados às questões de âmbito social.

Zina Abreu (2002, p. 444) observa que Mary Wollstonecraft “manifestou a sua preocupação com o estatuto social, político e civil das mulheres da sua época, que considerava deplorável”; e unicamente, na visão de Wollstonecraft, por meio de um sistema educacional de âmbito não apenas nacional, mas também universal, as mulheres poderiam alcançar a sua independência e serem cidadãs livres (ABREU, 2002, p. 444).

Influenciado por ideais iluministas, o surgimento do movimento feminista acaba tendo uma relação significativa com as revoluções Francesa (1789-1799) e Americana (1775-1781), e, mobilizou mulheres de vários países para reivindicar seus direitos sociais e políticos (OLIVEIRA; CASSAB, 2014, p. 1).

Conforme a descrição de Cassab e Oliveira, levando em consideração a opinião de Elizabete Rodrigues da Silva, “o movimento feminista surge com a intenção de romper com a ordem patriarcal, denunciando a desigualdade entre homens e mulheres e buscando direitos igualitários e mais humanos para as mulheres” (SILVA, 2002 apud OLIVEIRA; CASSAB, 2014, p. 2).

No decorrer do tempo, o feminismo vai ganhado corpo e tomando novas proporções. Desde a Revolução Francesa até os dias atuais, o movimento feminista passou por três etapas², denominado de primeira, segunda e terceira onda do feminismo.

2. As Três Ondas do Movimento Feminista

Com o surgimento de um novo discurso filosófico a respeito da mulher, nas últimas décadas do século XIX, caracterizado por acontecimentos que visavam a melhoria na forma de viver da mulher e marcado por manifestações em favor do direito ao voto, como também contra a discriminação feminina, teve início a chamada primeira onda do feminismo (RODRIGUES; COSTA, 2019, p. 5).

2.1. Primeira Onda

De acordo com Céli Regina Jardim Pinto (2010, p. 15), “a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar pelos seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto”.

² Aparentemente, a teoria das três etapas é a mais conhecida e divulgada pelas feministas.

Corroborando com o pensamento de Pinto a respeito do surgimento da denominada primeira onda feminista, Lilian Tavares de Barros Ferreira, observa que a primeira onda vai “desde o final do século XIX até a década de 1930” (FERREIRA, 2017, p. 5).

No entanto, esta fase do movimento feminista que se inicia na Europa, Estados Unidos e também no Brasil, teve seu momento de declínio após a década de 1930, tornando a ressurgir, desta vez com mais força, na década de 1960 (PINTO, 2010, p. 16), quando passa a ter uma nova reconfiguração, chamada de segunda onda.

2.2. Segunda Onda

A referência fundamental para falar da segunda onda do movimento feminista da década de 1960, é o livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado no final da década de 1950. Nesta obra, Simone procura estabelecer as máximas do feminismo (OLIVEIRA; CASSAB, 2014, p. 2).

Para consolidar ainda mais o movimento feminista, “em meio a esta efervescência, Betty Friedan lança em 1963 o livro que seria uma espécie de ‘bíblia’ do novo feminismo: *A mística feminina*” (PINTO, 2010, p. 16).

Com o objetivo de questionar os parâmetros políticos impostos pela sociedade, o feminismo se alinha com o pensamento liberal e rompe com tudo aquilo que é privado na esfera social. Com isso, o movimento passa definitivamente a ter uma estrutura organizada (OLIVEIRA; CASSAB, 2014, p. 2).

Assim como outros movimentos, o movimento feminista passou por diferentes fases no desenrolar da história. Quanto à segunda onda, “o mais característico dessa etapa é a busca da emancipação da mulher nas várias dimensões de sua existência” (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 2003, p.19-20).

Durante o século XX, o chamado “Feminismo Liberal”, passou por várias fases – entre se fortalecer e perder prestígio na sociedade –, porém uma nova consciência o impulsionou, promovendo outras conquistas, tanto na produção teórica quanto na prática. Era visível uma nova direção empreendida pelo movimento, sendo conhecido naquele momento como “Feminismo Radical”. Esse se constitui com pesquisas acadêmicas, reflexões, lutas radicais e pelo enfoque nos temas sobre violência sexual, sexualidade e direitos sobre o próprio corpo. Tais questionamentos e mudanças tornaram-se os frutos de uma produção teórica, de reflexões e estudos acadêmicos, utilizando, naquele momento de matrizes teóricas marxistas e da psicanálise (OLIVEIRA; CASSAB, 2014, p. 2).

Durante as décadas de 60 e 70, especialmente nos Estados Unidos, houve um grande agitação entre as ativistas feministas que visava a uma reorganização das lutas pelos direitos das mulheres. Essa nova onda, adjetivada como *Feminismo Radical*, buscava encontrar, por meio da reflexão e investigação acadêmicas, traços históricos das desigualdades sociais de origens patriarcais que oprimiram as mulheres no decorrer da história, e lutar contra todo tipo de discriminação e preconceito com base sexista sofrido por mulheres ao longo dos tempos (SILVA, 2008, p. 4). Nas palavras de Silva (2008, p. 4):

O Feminismo Radical é uma corrente feminista que se assenta sobre a afirmação de que a raiz da desigualdade social em todas as sociedades até agora existentes tem sido o patriarcado, a dominação do homem sobre a mulher. A Teoria do Patriarcado considera que os homens são os primeiros responsáveis pela opressão feminina e que o patriarcado necessita da diferenciação sexual para se manter como um sistema de

poder, fundamentado pela explicação de que homens e mulheres seriam em essência diferentes.

As feministas desta corrente defendem a ideia de que é preciso que todas as mulheres se unam na luta contra o patriarcado, rejeitando todas as instituições que, para elas, são fruto do patriarcalismo. Neste caso, para derrotar a opressão feminina, não basta ficar no campo teórico, é preciso sair para a luta, observa Silva (2008, p. 4).

Silva destaca ainda que “o despontar da corrente Feminista Radical, foi fortemente marcado por uma luta política voltada para o conhecimento, valorização e libertação do corpo feminino”, sem contar que “lutaram pelo fim da tirania da família biológica, e a favor da bissexualidade, onde a diferença genital entre os sexos não mais importava” (SAFFIOTI, 1987 apud SILVA, 2008, p. 10-11).

2.3. Terceira Onda

A terceira onda do movimento feminista ocorre com maior intensidade entre os anos de 1990 a 2000 (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 264). Nessa etapa, o feminismo passa por um momento de fragmentação que acaba “ocasionando o surgimento de outras correntes como o anarco-feminismo, eco-feminismo, feminismo pop, entre tantas outras” (DI FIORI, 2007 apud COELHO, p. 217).

Atualmente, a proposta central do feminismo da terceira onda está relacionada ao estudo das relações de gênero, ao mesmo tempo em que pensa a igualdade e diferença, destaca Mayara Pacheco Coelho (2016, p. 217).

Na terceira onda, as feministas passam a questionar o próprio *movimento* em si, pois para elas a primeira e a segunda onda não contemplavam as mulheres como um todo. A partir de então, começa a ocorrer um processo de desconstrução *universal* da mulher, pois nem todas as mulheres vivem em uma mesma situação, cada qual vive em contextos sociais diferentes umas das outras. Desta forma, a terceira onda propõe o reconhecimento da *pluralidade feminina* em todos os seus aspectos, como destacam Melaine C. Marques e Kella R. L. Xavier (2018, p. 6).

3. Do Feminismo à Teologia Feminista

Até o começo dos anos 1960, várias organizações feministas já estavam empenhadas nas lutas pela igualdade dos direitos civis entre homens e mulheres (JUNIOR; SOUZA, 2012, p. 3). Como resultado desse engajamento, surgiram reflexões teológicas: “Todo esse movimento teve uma influência direta na articulação da Teologia Feminista, uma teologia que visa a libertação das mulheres” (BLASI; BRUN; DILLENBURG, 2016, p. 11). O movimento ganhava força e se solidificava cada vez mais em alguns países ocidentais, tais como: França, Grã-Bretanha e Estados Unidos. A luta das mulheres neste período ficou conhecida como o estágio dos movimentos pela emancipação da mulher.

De início, foram criadas várias organizações feministas. Essas organizações feministas estavam empenhadas em realizar mudanças no campo social, cultural e político; no tocante à questão da mulher, o foco maior era uma busca pelos direitos femininos (JUNIOR; SOUZA, 2012, p. 3).

A partir dos anos 1960, o movimento feminista assume a forma de libertação da mulher, estimulando as lutas da Teologia Feminista para algo que fosse além da questão da igualdade entre homem e mulher. As estruturas patriarcais e os modelos androcêntricos passam a ser

questionadas dando lugar a algumas transformações em relação ao papel da mulher, observa Gibellini (2012, p. 419).

Como já abordado nos parágrafos anteriores, o feminismo não foi um movimento que influenciou apenas os campos da política, filosofia e sociologia, mas também a teologia. Na realidade, pode-se dizer que, o movimento feminista influenciou todas as subáreas das Ciências Humanas (ROSADO, 2018). É a partir da Revolução Francesa, quando o movimento feminista surge, que a luta pela igualdade da mulher passa do campo sócio/político e, com o decorrer do tempo, se estende para o campo religioso (MARTINS, 2018).

No entanto, para que a teologia feminista tivesse um lugar no campo eclesiástico, seria necessário, primeiramente, ter uma abertura de pensamento e estrutural na sociedade, para que pudessem construir caminhos para a esfera teológica. E foi o que ocorreu.

A estrutura eclesiástica - tida como símbolo de dominação masculina - passaria, agora, a não mais ser vista com bons olhos frente às novas mudanças sociais. Todavia, para que a mulher pudesse ter uma inserção mais justa no campo eclesiástico, era fundamental que ela tivesse como suporte para seu discurso uma teologia que fosse ao encontro das necessidades da mulher, e que pudesse resistir à estrutura teológico-eclesiástica reinante até aquele momento. Neste caso, nada melhor que uma teologia feminista.

4. Crítica Feminista à Teologia Cristã

Os séculos XVI e XVII foram marcados por filosofias que abalaram a teologia da Igreja cristã, lançando dúvidas e incertezas, inclusive, quanto à autoridade da Bíblia. O conceito bíblico de divindade, como também os aspectos éticos religiosos judaico/cristãos passaram a ser duramente questionados. A partir de então, a ciência e a razão passam a ocupar o lugar que outrora pertenciam aos pressupostos básicos da fé judaico/cristã contidos na Bíblia. Esta, por sua vez, deixa de ter primazia quanto a ter uma verdade absoluta.

Sendo assim, uma vez que a ideia de divindade conforme descrita pela Bíblia passou a ser entendida apenas como fruto de uma construção social, patriarcal e machista, era necessário desconstruir esta imagem masculina de Deus e resgatar os traços femininos na divindade. Nesta perspectiva, a teologia feminista propõe uma releitura do texto bíblico que contemple também as mulheres (SOUZA; SCHMITT, 2018, p. 89-90).

Na avaliação feminista, o discurso tradicional da igreja cristã, com sua descrição bíblica do Deus dos hebreus, não era familiar à mulher, pois ele estava muito aquém do universo feminino. Sem contar que esse Deus priorizava o homem e detrimento da mulher. Neste caso, as teólogas feministas concluíram que era necessário reconstruir a imagem de Deus com traços femininos, característicos à mulher (SOUZA; SCHMITT, 2018, p. 91).

A teóloga Ivone Gebara (2007, p. 11-12), por exemplo, em sua obra *O Que é Teologia Feminista*, questiona o fato de que o fazer teologia estivesse restrito aos homens. Segundo Gebara, essa expressão masculina de Deus é consequência de uma construção simbólica e linguística masculina do homem para Deus. Gebara observa ainda que esta linguagem masculina do divino se torna um entrave para a inclusão de elementos simbólicos femininos, o que para ela é uma injustiça.

Gebara (2007, p. 14) ainda observa que, geralmente, nas religiões monoteístas, a figura da divindade é revestida de traços patriarcais, gerando uma cultura de dominação masculina que reprime toda e qualquer tentativa feminina de representar Deus em simbolismo e linguagem. Para ela, isso acarreta consequências de ordem psicológica e social, gerando organismos/mecanismos de dominação e submissão do homem sobre a mulher.

Diante de tais fatos, teólogas feministas, passam a olhar com *suspeita* algumas passagens bíblicas, tidas como patriarcais, como vemos a seguir:

A Bíblia é um texto sagrado e muito importante para a igreja cristã, mas ela precisa ser lida com olhos críticos. É necessário reavaliar os textos bíblicos e procurar analisar o lugar teológico dado para homens e mulheres. Precisamos perguntar pelas relações que existem na Bíblia, perguntar onde estão as mulheres que foram invisibilizadas e porque foram invisibilizadas. As relações de poder são assim constituídas porque a própria Bíblia nos ensinou perspectivas patriarcais. Por este motivo é necessário reler os textos bíblicos a partir de um olhar crítico, sempre lembrando que Jesus veio para reconciliar o mundo e pregar a igualdade. Além disso, precisamos reconhecer o potencial das mulheres e trabalhar para que elas se sintam empoderadas e desafiadas para assumirem estes espaços de liderança e cargos de representatividade, revalorizando seu papel na caminhada da igreja e lembrando que muitos espaços foram abertos e conquistados graças a luta de muitas mulheres (BLASI; BRUN; DILLENBURG, 2016, p. 24).

De acordo com Ravasi (2015), “as feministas estão colocando em discussão todas as formas hierárquicas, os papéis tradicionais de liderança, a distinção entre clero e leigos, as formas, a linguagem, as imagens de culto e espiritualidade que não sejam inclusivas”. Além disso, temas relacionados à religião, como família e sexo, também são alvos da desconstrução feminista: “são objeto de crítica às definições da vida familiar e dos papéis sexuais que estão na base da educação religiosa” Ravasi (2015).

Para a teóloga feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza (1995, p. 70), o feminismo é assertivo quando faz crítica ao cristianismo. Segundo ela, o cristianismo influenciou fortemente a cultura ocidental, e este serve de base para o fortalecimento da ideologia sexista que trata de inferiorizar as mulheres, justificando as desigualdades institucionais por meio da teologia tradicional.

Citando Mary Daly, Fiorenza (1995, p. 70) afirma que o patriarcalismo cristão levou, inclusive, as mulheres a se voltarem contra si mesmas, o que para ela é um absurdo. Sem contar que, em sua visão, as mulheres são pessoas histórica e culturalmente oprimidas por causa do sexo. Neste contexto, Schüller Fiorenza compara o sexismo ao racismo (1995, p. 67).

Conforme Daniéli Busanello Krob e Gisela I. W. Streck (2019, p. 2), “a teologia feminista coloca em discussão o mundo masculino e o seu modelo social patriarcal”. Neste caso, a teologia feminista vem para romper com as estruturas sociais e eclesiais consideradas patriarcais e opressoras.

Desta forma, pode-se afirmar que, assim como outras teologias de *libertação*, “a teologia feminista é uma teologia da libertação das mulheres, isto é, elaborada e praticada por mulheres militantes no movimento de libertação da mulher” (GIBELLINI, 2012, p. 421).

Em sua obra *Caminhos da Sabedoria*, a teóloga Fiorenza (2009, p. 23-24), por exemplo, destaca que os estudos bíblicos feministas das décadas de 1970, 1980 e 1990 foram fundamentais para o estabelecimento de uma nova área de pesquisa na teologia, e com publicações próprias das mulheres. O resultado dessas pesquisas serviu de suporte para o ensinamento de conceitos da teologia feminista em escolas e cursos de nível superior em diversas regiões do mundo.

Tais estudos, em sua maioria, apresentam quatro pontos em comum: 1) que a Bíblia serve a interesses patriarcais; 2) a formação do *cânon* bíblico se deu em culturas e sociedades patriarcais; 3) o ensino bíblico é ensinado em comunidades religiosas patriarcais, e 4) levando em consideração os três primeiros pontos destacados, é necessário realizar um processo crítico

interpretativo feminista do texto bíblico, para que ela possa funcionar como um recurso para a libertação e emancipação da mulher, como observa Fiorenza.

Neste caso, “o objetivo da hermenêutica feminista não é simplesmente interpretar textos bíblicos e transmitir revelações divinas, mas remover a mistificação e a desumanização *kyriarcais*”, afirma Fiorenza (2009, p. 87). Desta forma, toda estrutura e conceito religioso cristão, que dá sustentação e legitima o *kyriarcado*, deve ser tomado como *suspeitos*.

Krob e Streck confirmam que a *hermenêutica da suspeita* é uma das características importantes da teologia feminista (2019, p. 3); e é correto dizer que a *hermenêutica da suspeita* é uma das ferramentas fundamentais no processo de interpretação do texto bíblico com viés feminista.

Para a hermenêutica feminista, “os textos bíblicos não somente devem ser libertados de suas interpretações patriarcais, mas os próprios estudos teológicos como um todo, devem ser submetidos a uma reivindicação crítica fundamental” observa Ulrich H. J. Körtner (2009, p. 51-52).

Ainda, de acordo com o teólogo Körtner (2009, p. 52), “a hermenêutica feminista da suspeita parte do pressuposto teórico de premissas feministas, reunidas no conceito de sexismo”. Assim sendo, para a interpretação feminista, a Bíblia é fruto de uma linguagem masculina e nem todo o seu conteúdo pode ser tido como verdade absoluta, advoga Fiorenza (1992, p. 36-38).

Neste caso, é correto afirmar que a hermenêutica feminista parte do pressuposto de que a teologia cristã é sexista e patriarcal, e que os textos bíblicos, por sua vez, também o são. Por isso, para que tais características deixem de existir e influenciar a religião e a sociedade, é necessário que os conceitos e crenças fundamentais da teologia cristã sejam submetidos a uma crítica feminista, uma revisão, por meio da *hermenêutica da suspeita*.

5. Considerações Finais

A história registra que sempre houve mulheres que lutaram por direitos iguais em relação aos homens. No entanto, é a partir da Revolução Francesa que o movimento feminino se estrutura e passa a lutar organizadamente pelos direitos das mulheres. Entrementes, por volta do final do século XIX e início do século XX, ocorreram diversas manifestações públicas em favor das mulheres, dando início à primeira onda do movimento feminista. Esta que tinha por objetivo a emancipação da mulher na sociedade.

Em oposição à *primeira onda* do movimento - que tinha um viés mais religiosamente conservador -, o feminismo *segunda onda* (1960-1980) trazia uma vertente mais radical. É tanto que ficou conhecido como “Feminismo Radical”, pois rompe com tudo que “cheirasse a” patriarcalismo e/ou tradicionalismo. Caracteriza-se mais pela luta da libertação do corpo feminino e pela aversão a definições biológicas e tradicionais de família.

O feminismo da *terceira onda* (1990-2000), se caracteriza tanto por sua fragmentação quanto às duas etapas anteriores, como também por sua hibridez de vertentes ou se preferir, correntes feministas. As feministas da terceira onda passam a questionar o próprio movimento si, o que abre portas para o surgimento de diversas formas de feminismos. Todavia, a despeito das diversas formas de feminismos, uma coisa é certa: todas tem um inimigo em comum – o patriarcalismo ou *kyriarcado*.

Seja na esfera social e/ou política, o feminismo vai criticar e colocar em dúvida, tudo aquilo que, em sua visão, seja promotor e/ou agente da opressão da mulher. Neste caso, nem mesmo a Bíblia está livre de qualquer suspeita, julgamento ou desconstrução. Isso se deve ao

fato de o texto bíblico ser, para a teologia feminista, um dos principais responsáveis por toda estrutura de dominação da mulher, em específico, no mundo ocidental.

Para as teólogas feministas, a teologia cristã não pode ser considerada como sendo ou contendo a verdade absoluta, verdade esta fundamentada nas Escrituras Sagradas; pois a Bíblia, antes de se considerar absoluta, precisa passar pelo crivo da interpretação feminista e receber o veredito exegético dogmático da mesma. Ao agirem desta maneira, não estariam as teólogas feministas, que tanto criticam o patriarcalismo e/ou *kyriarcado*, portando-se como inquisidoras *kyriarcais*, impondo sua crítica absoluta acima de tudo e de todos?

Finalmente, resta-nos fazer algumas reflexões a respeito da crítica feminista à teologia cristã: 1) seria possível haver uma harmonia entre a teologia feminista e a fé bíblico-cristã, uma vez que, para o feminismo a fé cristã é fruto do patriarcalismo, sendo a mesma responsável por toda estrutura de dominação e subjugação da mulher? 2) Como conciliar o pensamento de pessoas cristãs que, ao mesmo tempo em que professam crer que a Bíblia é a Palavra de Deus (verdade absoluta), não só aceitam como defendem releituras e desconstruções feministas da Bíblia e de crenças fundamentais, tendo como base a *hermenêutica da suspeita*?

Referências

ABREU, Zina. Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. **Arquipélago – Revista da Universidade dos Açores**, v. 6, n. 2, p. 443-469, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/39JgY0p>>. Acesso em 21 mar. 2021.

BLASI, Marcia; BRUN, Marli; DILLENBURG, Scheila. Questões de gênero na vida comunitária: um desafio para todas as pessoas. In: **Curso de Extensão: Questões de Gênero**, 3, São Leopoldo, 2016.

COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 217, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 06 set. 2019.

Di Fiori; Santos 2007 apud COELHO, Mayara Pacheco. **Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais**. Pesqui. prá. psicossociais, São João delRei, v. 11, n. 1, p. 217, jun. 2016.

FERREIRA, Lilian Tavares de Barros. A invisibilidade do movimento feminista “primeira onda” nos livros didáticos de história. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress**, 2017, Florianópolis. Anais Eletrônicos, Florianópolis: 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499259922_ARQUIVO_ARTIGOFAZENDOGENERO2017.pdf>. Acesso em 21 mar. 2021.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista**. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

FIORINZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de Iguais**: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Tradução de Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis: Vozes, 1995.

GEBARA, Ivone. **O Que é Teologia Feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. Tradução de João Paixão Neto. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

JUNIOR, José Nunes dos Santos; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. O movimento feminista enquanto projeto de emancipação para o pastorado feminino. In: **Anais do XIII Simpósio da ABHR**, 29/05 - 01/06 de 2012, São Luiz - MA, GT: Gênero e Religião. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/issue/view/9/showToc>>. Acesso em 21 mar. 2021.

KÖRTNER, Ulrich H. J. **Introdução à Hermenêutica Teológica**. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

KROB, Daniéli Busanello; STRECK, Gisela I. W. Teologia Feminista: um caminho para vidas dignas e sem violências. p.2. In: **Anais do XIII Simpósio Nacional da ABHR - Religião, Carisma e Poder: as formas da vida religiosa no Brasil**, v. 13, 2012, São Luis. Disponível em:<https://docgo.net/detail-doc.html?utm_source=teologia-feminista-um-caminho-para-vidas-dignas-e-sem-violencias&utm_campaign=download>. Acesso em: 23 out. 2019.

MARQUES, Melaine Cavalcante; XAVIER, Kella Rivetria Lucena. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. In: **Anais do VI Seminário CETROS: crise e mundo do trabalho no Brasil**, Itaperi, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51237-16072018-192558.pdf>. Acesso em 21 mar. 2021.

MARTINS, Mariana. A mulher e a revolução francesa. p. 3. **Núcleo de Estudos Contemporâneos**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/A_mulher_e_a_revolucao_francesa.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leiliane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. **Direito e Desenvolvimento**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>>. Acesso em 21 mar. 2021.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3ulDjsB>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

RAVASI, Gianfranco. As feministas e o debate teológico. **IHU Unisinos**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/36286-as-feministas-e-o-debate-teologico>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

RODRIGUES, Valeria Leoni; COSTA, Flamarion Laba da. **A importância da mulher**. p. 1-28. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

ROSADO, José Maria. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 79-96, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100005>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SCHMIDT, Joessane de Freitas. As mulheres na revolução francesa. **Revista Thema**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 2-7, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/31IzRfq>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (Org.). **Gênero e Teologia: Interpelações e Perspectivas**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2003.

SOUZA, Tiago Dias de; SCHMITT, Flávio. Hermenêutica bíblica cristã: abordagem e implicações a partir da teologia feminista. **REFLEXUS: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória, ano XII, n. 19, p. 89, 90, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3rVFmSQ>>. Acesso em: 21 mar. 2021.